



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Edição Especial Temática: Universidades: desafios e perspectivas na contemporaneidade

Sinop, v. 7, n. 1 (18. ed.), p. 148-167, jan./maio 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

---

## **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL: análise de uma prática**

**Paulo Angelo Lorandi**

Universidade Católica de Santos, Santos/SP - Brasil

### **RESUMO**

Este artigo analisa o projeto de extensão universitária sobre educação em saúde, na perspectiva da consecução da responsabilidade social do ensino superior. É trabalho de cunho qualitativo, com opção metodológica pela pesquisa-ação. Envolve alunos de graduação e os responsabiliza pela promoção da cidadania, a partir da educação em saúde. Ações extensionistas são espaços adequados para a formação social, assumindo o compromisso do agir coletivo pela cidadania. Trilha as redes sociais para popularização da ciência, atuando como ferramenta pedagógica.

**Palavras-chave:** Extensão universitária. Interdisciplinaridade. Responsabilidade social.

### **1 INTRODUÇÃO**

Para Sguissardi (2009), as universidades brasileiras, nos últimos 30 anos, algumas vezes não se estruturam na perspectiva real da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Conceitualmente, atenderiam ao que a classifica como “neo-napoleônica”, qual seja, uma formação focada na profissionalização do sujeito, com a pesquisa sendo desenvolvida, prioritariamente, na pós-graduação, com pouca participação de professores e alunos da graduação. Os motivos são vários como a falta de professores em carreira docente, fontes de financiamento com poucos recursos, etc.

Em outra perspectiva, a atividade de extensão é uma oportunidade diferenciada para que a universidade responda pela responsabilidade social a que



está incumbida, que transcende à geração de conhecimento e se estabelece no resultado do desenvolvimento social. Para Calderón, Pedro e Vargas (2011), o conceito de “Responsabilidade Social do Ensino Superior - RSES” - é controverso e polêmico. Para os autores, é possível encontrar ao menos seis vertentes ao se analisar o tema na literatura mundial. E atividade extensionista é uma delas.

Nessa linha de entendimento para RSES, Dias Sobrinho (2005, p. 171) instiga e questiona o mundo acadêmico: “ante as pressões do mercado, [qual] o sentido social que permite caracterizá-la [a universidade] como uma instituição voltada ao enriquecimento intelectual, moral e material da sociedade?”

No que se refere aos profissionais de saúde, além da atividade técnica inerente à profissão, espera-se sua participação na sociedade como educador em saúde. A educação em saúde é uma das ações possíveis em Promoção da Saúde e tem por objetivo informar aos indivíduos e as comunidades para que possam tomar decisões de forma consciente (CANDEIAS, 1997). A informação veiculada tem de ser isenta em relação aos interesses corporativos e econômicos, desvinculada de preconceitos, atualizada e baseada em produção científica consistente e com profundidade, além de ser coerentemente acessível ao público desejado.

Neste contexto, o presente artigo analisa a experiência de extensão em um Centro de Informações sobre Medicamentos como estratégia pedagógica para formação de profissionais da saúde como promotores da educação em saúde, com ênfase no curso de Farmácia.

## **2 METODOLOGIA**

Trabalho de cunho qualitativo, com opção metodológica pela pesquisa-ação, a qual para Thiollent (1997) não é apenas a descrição e o relato, mas caracteriza-se pelo “aspecto projetivo” e criador. A pesquisa-ação caracteriza-se pela necessidade da constante reconfiguração exigida pelo transcorrer do próprio processo, principalmente por desenho metodológico participativo e coletivo.

A escolha pela pesquisa-ação parte do pressuposto que essa estratégia pode ser um “instrumento de diálogo e de construção de novas práticas acadêmicas [...] que pressupõem a concepção de universidade como espaço social, voltado à

construção de conhecimentos que possam alavancar transformações em prol da sociedade como um todo [...].” (THIOLLENT; COLLETE, 2011, p. 7).

Thiollent (1997, p. 36) ainda afirma que esse método “requer, no mínimo, a definição de vários elementos: um agente (ou ator), um objeto sobre o qual se aplica a ação, um evento ou ato, um objetivo, um ou vários meios, um campo ou domínio delimitado.” Nessa ordem apresentada por Thiollent (1997, p. 36), o presente artigo identifica o professor responsável pelo projeto como ator; o CIM- Unisantos como objeto de intervenção; a relação do professor envolvido e seus alunos como evento a ser estudado; e, finalmente, a educação em saúde como delimitação de domínio.

### **3 RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS UNIVERSIDADES**

O momento atual do ensino superior é, de algum modo, crítico e desafiador para a sua existência. Cunha (2006) considera que a ideologia conservadora dominante tem marcado a reorientação do sistema educacional. O forte papel regulador do Estado, definindo critérios de qualidade por meio dos processos avaliativos, mormente a realização de provas com os alunos, tem focado sobejamente o interesse do mercado empregador, forçando, assim, a substituição do papel analítico-crítico da universidade em troca do fornecedor de mão de obra qualificada. Porém, pode-se considerar que a ênfase na formação universitária para a capacitação tarefaira é determinada pelo capital desde o regime militar (CHAUÍ, 1980).

De certo modo, o sistema universitário tem sido subserviente às necessidades da produção, estruturando a política educacional a partir de teorias que propõem a vinculação da educação ao mercado de trabalho, sendo que o último tem determinado, de forma magnânima, a estrutura escolar. Há até a defesa de que o investimento em educação deve propiciar ‘taxas de retorno’, quer ao nível salarial quer ao nível de status ocupacional (FRANCO; ZIBAS, 1988; TARDIF; LESSARD, 2005).

De todo modo, a interação existente entre o mercado, o Estado e a academia é uma relação de poderes constituídos. Em um modelo explicativo, apoiado na teoria de Clark, Gomes (2003) diz que o Estado, como regulador, “é uma autoridade

burocrática e política”; o mercado é exercido baseando-se em um processo de trocas; e o poder da academia é dado em função de sua ‘expertise’.

Dentro desse embate, a ação dos professores é um resultado típico do processo ideológico, pois pode transmitir “uma visão do mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social”, e, ainda, considerando-se que o consentimento explícito ou implícito a essa defesa é determinante para a efetivação desses resultados (MOREIRA; SILVA, 1995). Tal visão ideológica está, portanto, diretamente ligada à questão do poder, seja ele econômico, político ou científico.

Os professores em sua prática, se não tiverem clareza do embate dessas forças; se não tiverem a capacidade de crítica; se não forem capazes de antever as necessidades emergentes, permitirão que o processo educacional seja forçado pela mão invisível do mercado. Deste modo, a defesa para as possíveis modificações deverá passar, obrigatoriamente, por uma revisão do fazer educacional dos professores universitários criando-se uma proposta contra-hegemônica de atuação do professor, a qual, segundo Giroux e McLaren (1995), “implica um entendimento mais político, mais teórico e mais crítico, não só da natureza da dominação, mas também do tipo de oposição ativa que deveria engendrar”. Ideias corroboradas por Cunha (2006b).

O ensino de **farmácia**, baseado nas ciências naturais, valoriza a transmissão de conteúdo. Por outro lado, há de se dar ênfase na experientiação da prática como instigadora da condição para a crítica e do espírito investigativo. A reificação da terapia medicamentosa assenta-se na perspectiva das relações de poder e o seu entendimento é basilar para a teoria crítica da educação (MOREIRA; SILVA, 1995). Para Foucault (1995, p. 149), é importante compreender “que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados.”

Nesse contexto, para tornar o aluno e futuro profissional agente transformador, a educação em saúde pode ser uma estratégia. Principalmente, considerando-se a existência da ênfase para as preocupações com o coletivo na formação dos profissionais para a área da saúde, L'Abbate (1999) constata a necessidade e a importância de que a educação dos alunos, obviamente adultos, se

dê na perspectiva de aproveitamento da experiência dos próprios profissionais-alunos.

#### **4 EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL**

Educação em saúde como conceito, segundo Candeias (1997, p. 210), refere-se a “quaisquer combinações de experiências de aprendizagem delineadas com vistas a facilitar ações voluntárias conducentes à saúde.” A autora dá ênfase à palavra delineada, uma vez que a educação em saúde não suporta as “experiências acidentais de aprendizagem”. Assim, como conceito, a educação em saúde é atividade meio inserida no processo da promoção em saúde. A educação em saúde deve oferecer condições para que as pessoas desenvolvam o senso de responsabilidade, tanto por sua própria saúde, como pela saúde da comunidade.

Atualmente, exige-se dos profissionais da saúde uma ação contundente em educação em saúde como base da promoção da saúde, tanto em caráter geral quanto dentro de sua expertise. Para o farmacêutico, a educação em saúde terá como foco prioritário o uso racional do medicamento, conceito que tem o significado de se garantir os medicamentos apropriados para cada situação clínica, em doses corretas, pelo período que for necessário e ao menor custo possível para eles e sua comunidade. Essa ideia é discutida pela Organização Mundial da Saúde desde 1985, em uma conferência de especialistas em Nairóbi, Quênia (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1985).

Como conteúdo de divulgação, o medicamento assume caráter especial uma vez que, além do aspecto técnico terapêutico óbvio, há o muito importante caráter econômico. O medicamento é o item que mais consome recursos tanto do sistema de saúde quanto das pessoas, em particular (LU et. al., 2011; ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, 2002). Deste modo, racionalizar o seu uso, além do possível ganho terapêutico, promove a otimização de recursos públicos e privados.

Por outro lado, a iatrogenia química é uma realidade em nosso país e no mundo. Suas causas são diversas e uma delas pode ser resultante do uso indevido do medicamento causado por desinformação específica. Essa desinformação pode ser proveniente do pouco entendimento que o usuário final possa ter sobre o

medicamento (MOTTER; OLINTO; PANIZ, 2013; OENNING; OLIVEIRA; BLATT, 2011).

O mau uso do medicamento em nossa sociedade tem como um de seus principais motivos o seu caráter reificado. Essa condição é mantida através das estratégias próprias do mercado como, por exemplo, as propagandas de medicamentos. De certo modo, os medicamentos são instrumentos próprios para a exploração econômica, segundo a concepção de seus agentes de produção e de comercialização, e a ação educativa em saúde pode ser uma forma de reação a isso, obviamente entendendo-se que não será a única ação necessária.

A reificação da saúde por meio da propaganda da indústria farmacêutica do medicamento, algumas vezes enganosa ou no mínimo omissa sobre alguns efeitos adversos, pode ser considerada como um fator concorrente para os erros de medicação com consequentes processos de intoxicação. No Brasil, estima-se mais de 25% dos casos de intoxicações envolvam medicamentos (MARGONATO; THOMSON; PAOLIELLO, 2009). Provavelmente, o uso inconsequente e irracional dos medicamentos deve ser resultante da articulação destes e de outros fatores.

Uma estratégia mundial para a divulgação isenta de informações sobre medicamentos é a constituição de um Centro de Informações sobre Medicamentos. No Brasil, essa estratégia é realizada desde 1992 e já bastante difundida pelo país (VIDOTTI, 2000). Rosemberg e colaboradores (2004) apontam que 13,4% do tempo dos CIMS americanos são disponibilizados para ações de educação em saúde, sendo quase o mesmo tempo (13,8%) para a participação em comissões terapêuticas.

Fica claro, então, a importância da educação em saúde, entendida como capacitação do cidadão para o enfrentamento da vida cotidiana. Coerentemente, há de se fazer com que a educação universitária seja emancipadora, para que as ações educativas sejam “compreendidas como um paradigma que combina teoria e prática no interesse de libertar os indivíduos e grupos sociais das condições subjetivas e objetivas que os ligam às forças de exploração e opressão” (GIROUX, 1997, p. 44).

Não se pode permitir a exclusão social por falta de acesso à informação sobre os medicamentos e, para isso, devem-se apresentar à comunidade essas facetas ocultas dos medicamentos, assumindo o papel do “sujeito responsável”, inclusive através de “suas palavras e seus escritos” (MORIN, 1998, p. 71).

## **5 CIM-UNISANTOS COMO CAMPO DE ESTUDO**

O CIM Unisantos foi criado em 2004, sempre composto por professores e alunos do curso de Farmácia e já se utilizou de diversas estratégias para a realização de seus objetivos. Foi concebido como uma atividade de extensão, integrada ao Projeto Pedagógico do curso de Farmácia assumindo o perfil profissional desejado e procurando contribuir como eventual campo de estágio ou de pesquisa. O CIM fornece informações para profissionais de saúde e a população em geral, que podem fazer as consultas por meio de telefone, fax, correio, via email ou pessoalmente.

Essa relação pedagógica, entre os professores responsáveis pelo CIM e os alunos que por lá passaram, também resultou em ações como palestras para leigos realizadas pelos alunos, ações de intervenção em espaços públicos orientando e interagindo com a população para realizar a educação em saúde, publicações esporádicas em jornais locais até ser constituída uma coluna semanal em um jornal local desde março de 2010, e muitas outras atividades.

As redes sociais e outras formas de comunicação têm crescido de forma vertiginosa quer pelo desenvolvimento tecnológico de divulgação (*smartphone, tablets*) quer pela quebra da resistência da comunidade científica a essa forma de divulgação. Aguiar (2012) apresenta o conceito de rede social como sendo formada por pessoas e, portanto, é possível encontrar as ferramentas presentes na *web*, como *Facebook, Twitter, Google+* e blogs. A autora ainda considera haver poucos estudos sobre a utilização das ferramentas das redes sociais por parte das bibliotecas universitárias. Não que elas não as tenham, porém não existem estudos que demonstrem sua eficácia e penetração.

Outro aspecto importante é a sua capacidade de mobilização, atestada por alguns eventos internacionais recentes. Um dos objetivos do CIM é o de promover o uso racional do medicamento e, para tanto, precisa mobilizar a sociedade para, por meio do conhecimento crítico, promover mudanças substanciais de comportamento e hábitos.

Nessa perspectiva, desde setembro de 2011, o CIM mantém um blog que tem como tema central o uso racional dos medicamentos. O blog tem veiculado

informações sobre medicamentos, produção de professores, as propostas e ações do curso de Farmácia da Nome da universidade. Em seu processo de evolução, em face da repercussão de suas matérias e pelo caráter institucional, tem ampliado a forma e o conteúdo, o qual resultou, em 2012, em um projeto conjunto com o curso de Jornalismo da Nome da universidade, para dinamizar as informações divulgadas para a comunidade local e regional.

A integração do curso de Farmácia e o de Jornalismo reflete a necessidade interdisciplinar de ação para o novo conceito de saúde focada na promoção. A interdisciplinaridade consiste, segundo Japiassú (1994, p. 143), “tão somente em resolver problemas concretos.” Segundo o autor, a intermediação entre os vários pontos de vista (disciplinas/ profissões), respeitando-se o conflito gerado, será a prática interdisciplinar.

Esse trabalho conjunto continua a divulgar as produções acadêmicas de professores e dos alunos lotados no CIM, que realizam as atividades recebendo uma bolsa de estudos como projeto de extensão, produzindo informativos, apresentando notícias, textos para leigos, repercutindo os fatos do cotidiano, com ênfase nos medicamentos. Nesta dinâmica, outros meios, como o *facebook* e o *twitter*, estão integrados com o objetivo de promover o blog e dinamizar o processo de comunicação com os diferentes públicos.

Deste modo, a educação em saúde deixa de ser responsabilidade exclusiva dos profissionais da saúde, uma vez que a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade constituem a base do debate sobre o complexo cotidiano, permitindo que a integração entre acadêmicos de diversas áreas os insira no contexto da realidade social, tendo em tela, no presente projeto, o uso racional de medicamentos.

Nessa perspectiva, a relação com a comunidade, trazendo a luz os conhecimentos científicos, poderá fortalecer as práticas populares de cuidado com a saúde, destituindo ou desmistificando o caráter reificado do medicamento. Concomitantemente, a ação do farmacêutico como educador em saúde, procurando agir em um caráter crítico de prevenção, poderá criar uma ação contra hegemônica, em um processo transformador.

No ano de 2013, outro passo na evolução do projeto foi o de incorporar alunos do ensino médio que participaram do programa de Bolsa de Iniciação



Científica para o Ensino Médio. Esses alunos participaram do CIM como resultado do convênio entre a Unisantos e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Neste contexto, a força desse projeto é sua capacidade de integralização dos princípios da universidade de ensino, pesquisa e extensão, considerando-se aqui o sentido lato da pesquisa. A participação dos alunos, universitários e do ensino médio, é a força mobilizadora nesse processo, para uma nova perspectiva do perfil profissional, qual seja, o de educador em saúde.

## **6 ANALISANDO A EXPERIÊNCIA**

O cerne da atividade de extensão, como o CIM Unisantos é concebido, “é o processo de trabalho” (HENNINGTON, 2005), a qual é definida como sendo “o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade” (BRASIL, 2007). Fica evidente, nesse conceito, o caráter de diálogo e inter-relação entre a universidade e a sociedade.

A força de interação de um blog está em sua condição de acesso. O número de visualizações da página como um todo do CIM-Unisantos, considerando-se o período compreendido entre janeiro e dezembro de 2015, totaliza 10.347. E os textos tiveram 2.210 visualizações, distribuídas por 73 textos produzidos pelos alunos e professores, no mesmo período. Quantitativamente, é um resultado expressivo de interação.

A atividade de construção coletiva e semanal do blog consiste-se em fases que se caracterizam pela necessidade de habilidades e competências diversificadas, a saber: a. criação da pauta, analisando-se quais temas apresentam maior repercussão, quer seja por sua importância intrínseca, quer seja pela oportunidade do momento; b. a partir da definição do tema é necessário se definir quais aspectos serão abordados; c. em sequência, a produção do texto por parte dos alunos; d. avaliação pelo professor responsável; e. publicação e análise de repercussão.

A escolha dos temas ocorre em reuniões semanais, com a participação dos alunos do curso de Farmácia e de Jornalismo, juntamente com o professor responsável, sendo uma decisão colegiada. Aparentemente simples, a decisão pelo

tema estimula no aluno encontrar nexos entre a teoria aprendida no curso, em suas várias disciplinas, e a necessidade eminente da sociedade e, portanto, da intervenção profissional do farmacêutico. É um momento de aprendizagem sobre um aspecto da práxis profissional.

A decisão colegiada é exercício importante para os alunos e para o professor. O aluno, em sua natural insegurança, precisa ver o professor como um parceiro, do mesmo modo que é preciso que este se sinta igual aos alunos, ainda que as responsabilidades sejam diferentes. Do mesmo modo, esse momento pedagógico permite a construção de algumas competências e habilidades expresso no artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia (BRASIL, 2002).

Para Cunha (2008), “a dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades”. Na tentativa de se criar um lugar para prática extensionista, a escolha dos temas ocorre em reuniões semanais, com a participação dos alunos do curso de Farmácia e de Jornalismo, juntamente com o professor responsável, sendo uma decisão colegiada. A decisão colegiada é exercício importante para os alunos e para o professor. O aluno, em sua natural insegurança, precisa ver o professor como um parceiro, do mesmo modo que é preciso que este se sinta igual aos alunos, ainda que as responsabilidades sejam diferentes.

Todos os textos produzidos seguiram esse processo decisório. E a cada revisão de texto apresentado pelos alunos, evidencia-se a crescente fluência na escrita dos participantes. Normalmente, renova-se a equipe anualmente, oportunizando a participação de mais alunos. O número de alunos envolvidos varia com cada grupo. Por exemplo, em 2015 foram três alunos do curso de farmácia e um de jornalismo.

Há de se aceitar que a ação interdisciplinar, ainda que planejada, é incerta quanto aos seus resultados, pois que é construída a partir das especificidades de cada grupo. Um grupo interdisciplinar terá de administrar os conflitos gerados por essa relação através do diálogo. Para Peduzzi (2001, p. 104):

A articulação das ações, a coordenação, a integração dos saberes e a interação dos agentes ocorreriam por meio da mediação simbólica da

linguagem. Portanto, a comunicação entre os profissionais é o denominador-comum do trabalho em equipe, o qual decorre da relação recíproca entre trabalho e interação.

Desse modo, do pesquisador é exigida a participação na mediação para a superação dialética, levando-se em consideração as resistências e as contradições. É fato que, ao longo do tempo de existência do CIM-Unisantos, muitos alunos que por lá passaram não se adequaram ao processo. Quer seja por alguns deles serem mais afeitos às questões técnicas do medicamento, quer seja por não compreenderem o papel de protagonista que a equipe exige de cada componente.

Bourdieu (2013b, p. 139) questiona e duvida “da crença de que a aproximação espacial ou, mais exatamente, a coabitação de agentes muito distanciados no espaço social pode, em si, ter um efeito de reaproximação social.” Assim, professores e alunos sentados ao redor da mesa, em uma mesma sala, em vez da posição habitual de sala de aula, pode não ser suficiente para criar uma parceria, gerando confiança, respeito e consideração, em suma, fertilizando a relação aluno-professor. Não é uma tarefa fácil e nem sempre basta boa vontade.

Para a construção do *habitus*, segundo o mesmo autor (1983b, p. 15), é preciso que não “se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro”.

Bourdieu (2013a) é contundente em afirmar que todo “capital simbólico” e, portanto, subjetivo é fruto, de alguma maneira, de um elemento material. Assim, pode-se afirmar, nessa relação dialética entre o subjetivo e objetivo, que a proximidade entre o professor e alunos se dará no reconhecimento tácito de suas funções, competências e limitações. Para o autor (2013a), “todo capital, sob qualquer forma que se apresente, exerce uma violência simbólica assim que é reconhecido.”

Dentre os dez anos de existência do CIM-Unisantos, as bolsas para os alunos participantes do CIM-Unisantos não têm sido regulares, salvo nos últimos três anos. Apesar disso, o projeto sempre se manteve com alunos voluntários, ainda que nem todos tenham tido o mesmo grau de comprometimento. Ainda que seja um indicativo bastante subjetivo, a regularidade da procura demonstra, como resultado de trabalho, que o CIM-Unisantos é um ambiente que desperta o interesse acadêmico dos alunos.

A formação tecnicista do farmacêutico é notória, ainda que tenha se modificado gradativamente nos últimos anos (LORANDI, 1997; 2002) como atesta o Boletim Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico – ABENFARBIO (CECY, 2011). Essa formação tecnicista é contraposta pela ação de educador em saúde proposta pela ação extensionista do CIM-Unisantos.

Retomando a discussão sobre a escolha do tema, esta tem de ser pautada não apenas por seus aspectos técnicos terapêuticos, mas tem de ter como objetivo o esclarecimento da população sobre todos os aspectos dos medicamentos, sejam eles econômicos ou culturais. Durante o processo de escolha do tema, é importante, também, que os alunos se tornem ‘letrados’, o que, segundo o conceito de Mey (1998), significa tornar o conhecimento funcional. Em nosso caso, estamos lidando com alunos que ainda não têm experiência profissional, mas devemos considerar a importância da relação entre os aspectos teóricos e práticos na prática educativa.

Como segundo passo, após a escolha do tema, discute-se em quais abordagens serão realizados para os textos. Essa ação também é um processo de aprendizagem para os alunos, pois é interessante notar as possíveis formas de entender o mesmo assunto. De imediato, define-se por uma abordagem ‘acadêmica’ ou ‘para leigos’. Essa decisão, obviamente, interfere tanto na profundidade do texto quanto no formato (extensão, citações e referências, vocabulário, etc).

A decisão dos textos escritos para leigos está baseada no conceito da divulgação da ciência, a qual para Reis<sup>1</sup> (2002) “é a veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios nela estabelecidos, das metodologias que emprega.” Essa divulgação é importante, principalmente pelas considerações de Motta-Roth e Marcuzzo (2010, p. 513-514), para os quais “os baixos índices brasileiros para três variáveis educacionais - letramento, conhecimento e manipulação de conceitos da ciência e formação universitária no Brasil - covariam com o baixo Índice de Desenvolvimento Humano brasileiro.”

A produção dos textos por parte dos alunos é o momento crítico. Para Silva e Araújo (2011, p. 708) “[...] o letramento é um processo constante e infinito, visto que,

---

1 José Reis, falecido em 2002, dá nome ao prêmio ofertado pelo CNPq em três categorias, distribuídas anualmente em sistema de rodízio: “Instituição”, “Pesquisador e Escritor” e “Jornalista em Ciência e Tecnologia”. A escolha de seu nome se deveu ao intenso trabalho na área de divulgação científica. Disponível em: <<http://www.premiojosereis.cnpq.br/>>.

a cada dia, novas agências, novas situações sociocomunicativas surgem [...]”, o texto acadêmico e mesmo aquele com a intenção de socializar o conhecimento científico tem uma estrutura que lhe é própria, a qual exige muita dedicação de um alunado com dificuldades de escrita, fruto da estrutura de ensino do país.

Os alunos envolvidos assumem, ou pelo menos acham importante assumir, o compromisso de desenvolver em si próprios e nos usuários a responsabilidade pessoal sobre as suas condições de saúde. Essa responsabilidade é apresentada por Morin (1998, p. 71) como “uma ética política que se pretenda verdadeiramente humana supõe primordialmente a restauração do sujeito responsável.”

Na fase da revisão pelo professor responsável, deve-se ater a diferentes aspectos. Um primeiro obstáculo é o de não permitir que conceitos de senso comum, muitas vezes errados, se confundam com a intenção de se escrever um tema científico para a população em geral. A simplificação de conceitos complexos é sempre tendente ao erro e a opção pela explicação baseada no senso comum parece ser mais aceitável do que a criação de sua própria explicação.

Como exemplo, podemos apresentar a seguinte correção do texto. “Todo ano, principalmente no verão, convivemos com muitos casos de dengue. É uma doença que anualmente causa muitos doentes e que se não tratada pode ser até fatal” (texto produzido por uma aluna do curso de Farmácia participante do CIM).

À parte das questões diretamente relacionadas à qualidade da redação, é importante focar a análise na perspectiva conceitual. Nem todas as pessoas que contraíram a dengue, e que não foram tratadas, morreram. Os casos graves de dengue, sim, precisam ser tratados. Essas pequenas imprecisões conceituais podem passar despercebidas pelo leitor leigo, mas o texto não pode favorecer uma construção de um significado social errado ou mal compreendido.

Para Mey (1998), “o letramento não é o que torna as pessoas letradas: é a maneira pela qual as pessoas funcionam no discurso da sociedade, se utilizando das suas próprias vozes”. E ainda acrescenta que “o discurso é uma noção política, e o exercício da voz no discurso é uma atividade política”. Para o autor (1998), apoiando-se no conceito de *habitus* de Bourdieu, afirma que “produzimos uma ideologia através do discurso, do mesmo modo que a ideologia nos produz, como membros da comunidade do discurso”.

Uma vez produzido o texto, o mesmo é postado no blog e repercutido pelas redes sociais (*Facebook*, *Google +* e *Twitter*). E, a partir das ferramentas do Blogger, as quais permitem se analisar a quantidade e a origem de acesso ao blog, percebe-se nítida conexão entre as postagens nas redes sociais e variação positiva de acesso ao blog. De fato, todos esses aplicativos trabalham em forma de rede, interconectados.

Nessa linha de trabalho, em 2013, o CIM-Unisantos incorporou alunos do PIBIC-EM, o qual mantém como um de seus objetivos, com o objetivo de “desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes [do Ensino Médio].” (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2013).

O papel desses alunos do ensino médio foi o de participar no processo de manutenção do blog, participando das reuniões de pauta e de análise das produções. Em paralelo, eles desenvolveram estudos referentes ao uso de medicamentos com temas escolhidos por eles, em discussão com o grupo. Suas produções foram discutidas por todo grupo, avaliadas, corrigidas e postadas em fan *Page* criada no *Facebook*. Os três alunos do ensino médio (duas de uma escola privada e um de uma escola pública) ainda estimulam os seus colegas da escola a participar dessa fan *Page* respondendo as enquetes que eles criaram para saber qual a opinião dos jovens sobre o uso de medicamentos anabolizantes, o primeiro tema a que eles se dedicaram a estudar.

Em suas opiniões, a experiência está sendo gratificante. O aluno da escola pública diz que “é uma oportunidade única, pois a bolsa representa a dedicação aos estudos e a chance de colocar suas ideias em prática”. A aprendizagem também é bem avaliada, pois “muitas coisas que estão no nosso dia a dia são desconhecidas, então é muito interessante levar informação para as pessoas”. E mostra uma faceta da juventude, o interesse. “Ter apenas 15 anos e já ser escolhida para participar de um projeto como este é gratificante, ainda mais porque amo a área da saúde”, ressalta a aluna que considera que o projeto vai ser um diferencial para a sua formação.

Os alunos universitários realizam a tutoria das atividades dos alunos do Ensino Médio. Fazem uma primeira explanação dos temas escolhidos e orientam os seus estudos. O papel do professor é o de complementar informação e dirimir

dúvidas quando o conhecimento não está ao alcance dos alunos de Farmácia. O aluno de Jornalismo orienta sobre a redação e postagem dos temas estudados, ilustrando e procurando dar um tom menos formal à comunicação. Desse modo, acredita-se estar trabalhando de forma integrada entre todos os participantes.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível considerar que o CIM Unisantos atende aos princípios extensionistas, uma vez que faz com que a Universidade atende a uma necessidade da sociedade, qual seja, a educação em saúde com ênfase no medicamento. Do mesmo modo, atende ao processo de ensino, pois discute temas pertinentes à profissão, levando o aluno envolvido a buscar fundamentos científicos para que possa escrever o texto com tema escolhido.

Ainda na perspectiva do ensino, todo o processo é intermediado pelos professores envolvidos, no estímulo da autonomia da busca do conhecimento necessário. Nesse ambiente, atende aos requisitos legais emanados das DCN no que se refere a competências e habilidades próprias ao farmacêutico e ao jornalista.

Mas o maior mérito do presente trabalho é a sua característica de integralidade. Associa dois cursos, Farmácia e Jornalismo; põe no mesmo espaço alunos universitários e do ensino médio; realiza uma atividade de extensão na qual os conteúdos científicos estão sempre presentes; realiza o desenvolvimento da escrita em alunos nem sempre afeitos a essa competência; abre eventuais espaços para estágio, e mantém interlocução com a comunidade.

Um segundo ponto a ser ressaltado é fato de trilhar as redes sociais para popularização da ciência, como ferramenta pedagógica ainda é um campo recente, na qual erros e acertos acontecem cotidianamente. Estabelecer novos parâmetros para avaliação é necessário. No caso específico, o uso das redes sociais para divulgar o conhecimento comprometido pode não atingir as expectativas da sociedade, pois compete com informações diversificadas, as quais podem chamar mais a atenção.

Há de se ressaltar também as ações extensionistas articulam o ensino e a pesquisa e se apresentam como espaço adequada para a formação não apenas focada na aprendizagem da técnica, porém ampliando a discussão e o estímulo para

a assunção do compromisso social de agir em prol da sociedade amparado pela cidadania. Por ser uma ação interdisciplinar permite, ou exige, a resolução dos conflitos derivados de relações dialógicas entre sujeitos detentores de diferentes saberes e poderes, para a construção do *habitus*.

## UNIVERSITY EXTENSION AS SOCIAL RESPONSIBILITY: analysis of a practice

### ABSTRACT

This article analyzes the University extension project on health education, with a view to achieving social responsibility of higher education. This is qualitative slant, with methodological option for action research. The project involves undergraduate students and those responsible for the promotion of citizenship, from the health education. Extension actions are appropriate for training social spaces, assuming the social commitment of collective action by citizenship. It also track social networks for popularization of science, acting as a pedagogical tool.

**Keywords:** University extension. Interdisciplinarity. Social responsibility

### REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. A. **Uso das ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias:** um estudo exploratório com as bibliotecas da UNESP, UNICAMP e USP. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos**, Cebrap, Trad. Fernando Pinheiro. São Paulo, n. 96, p. 105-115, jul. 2013a.

\_\_\_\_\_. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013b.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Extensão**



**Universitária: Organização e Sistematização.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais – PROEX. COOPMED Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES022002.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

CALDERÓN, A.I.; PEDRO, R.F.; VARGAS, M.C. Responsabilidade social da Educação Superior: a metamorfose do discurso da UNESCO em foco. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 15, n. 39, p. 1185-98, out./dez. 2011.

CANDEIAS, N. M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 312, p. 209-213, 1997.

CECY, C. Diretrizes Curriculares – Dez anos. **Pharmacia Brasileira**, Brasília, n. 80, p. 53-54, fev/ mar 2011. Boletim Abenfarbio.

CHAUÍ, M. Ventos do progresso: a universidade administrada. In: PRADO JUNIOR, B. et al. **Descaminhos da educação pós-68**. Debate 8. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.31-56.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio - PIBIC- EM**. Disponível em < <http://www.cnpq.br/web/guest/pibic-ensino-medio>>. Acesso em: 14 maio 2013.

CUNHA, M. I. da. A universidade: Desafios Políticos e Epistemológicos. In: **Pedagogia Universitária: Energias Emancipatórias em Tempos Neoliberais**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2006.

DIAS SOBRINHO, J. Educação superior, globalização e democratização: qual universidade? **Rev. Bras. Educ.**, v. 10, n. 28, p. 164-73, 2005.

ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1. 1987, Brasília. **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas: Documento Final**. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Maio 2012. Disponível em <<http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

FÓRUM NACIONAL DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA DAS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMUNITÁRIAS. **Estatuto**. Belo Horizonte: 2006. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/documentos/estatutoforext.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FRANCO, M.L.P.B.; ZIBAS, D.M.L. Educação-produção: as distorções do sistema. **Educ. Soc.**, Campinas. v. 10, n. 29, p. 100-122, jul. 1988.

GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais. **Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, A. M. Estado, mercado e educação superior no Brasil: um modelo analítico. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 84, 2003.

HENNINGTON, E. A. Acolhimento como prática interdisciplinar. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, jan./fev. 2005.

JAPIASSÚ, H. **Introdução às Ciências Humanas**. Análise epistemológica histórica. São Paulo: Letras&Letras, 1994.

L'ABBATE, S. Educação e serviços de saúde: avaliando a capacitação dos profissionais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 15-27, 1999. Suplemento 2.

LORANDI, P. A. Ensino de Farmácia. **Estratégias pedagógicas para a reconceitualização da saúde**. 2002. 104 f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. Ensino de Farmácia. **Uma análise crítica das propostas curriculares**. 1997. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 1997.

LU, Y. et al. The world medicines situation 2011. **Medicine expenditures**. Geneva, World Health Organization, 2011.

MARGONATO, F. B.; THOMSON, Z.; PAOLIELLO, M.M.B. Acute intentional and accidental poisoning with medications in a southern Brazilian city. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, 2009.

MEY, J. L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. **Delta**, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998.

MINAYO, M.C.S. (Org.); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011. Edição digital.

MOREIRA, A.F.; SILVA, T.T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 7-38.

MORIN, E. A ética do sujeito responsável. In: CARVALHO, E. A. (Org.). **Ética, solidariedade e complexidade**. São Paulo: Palas Athena, 1998. p. 65-77.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.

MOTTER, F.R.; OLINTO, M.T.A.; PANIZ, V.M.V. Conhecimento sobre a farmacoterapia por portadores de Hipertensão Arterial Sistêmica. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 8, p. 2263-2274, 2013.

OENNING, D.; OLIVEIRA, B. V.; BLATT, C.R. Conhecimento dos pacientes sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 16, n. 7, p. 3277-3283, 2011.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Promoción del uso racional de medicamentos: componentes centrales. **Perspectivas políticas sobre medicamentos de la OMS sobre medicamentos**. Ginebra, 2002.

REIS J. Ponto de vista: José Reis (entrevistadora Alzira Alves de Abreu). In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.) **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ, 2002. Publicada originalmente na revista *Ciência Hoje*, v. 1, jul./ago. 1982.

ROSEMBERG, J.M. et al. Current status of pharmacist-operated drug information centers in the United States. *Am J Health-Syst Pharm*, **Bethesda**, Maryland, v. 61, p. 2023-2032, 2004.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Rev Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 103-109, 2001.

SGUISSARDI, V. **A universidade neoprofissional, heterônoma e competitiva**.

Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/valdemarsguissardi.rtf>>. Acesso em 14 maio 2009.

SILVA, E.M.; ARAUJO, D. L. Influência do histórico de letramento dos candidatos na mobilização de práticas letradas na redação de vestibular. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 705-725, 2011.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**. Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

THIOLLENT, M.J.M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, M.J.M.; COLETTE, M.M. Pesquisa-ação, universidade e sociedade. In: XIII COLOQUIO DE GESTIÓN UNIVERSITARIA EN AMÉRICAS, 2013, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Facultad Regional Buenos Aires, da Universidad Tecnológica Nacional, 2013.

VASCONCELLOS, C. Uso de redes sociais na comunicação científica é discutido em seminário. **Jornal da Ciência**, 23 de agosto de 2012. Disponível em

<<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=83839>>. Acesso em: 13 maio 2013.

VIDOTTI, C. C. F. et al. Sistema Brasileiro de Informação sobre Medicamentos – SISMED. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n.4, p.1121-1126, out-dez 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. The rational use of drugs. **Report of the Conference of Experts Nairobi**, Geneva, 25 – 29 nov. 1985.

Correspondência:

**Paulo Angelo Lorandi**. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Santos, Santos, São Paulo, Brasil. E-mail: lorandip@gmail.com

Recebido em: 18 de novembro de 2015.

Aprovado em: 12 de fevereiro de 2016.